

**1. Trinta anos depois da morte de Clarice Lispector. Como você avalia a importância e recepção da obra clariceana?**

Foi surpreendente a divulgação da obra de Clarice desde o ano de sua morte, 1977. Houve um aumento enorme tanto da tradução de seus textos para outras línguas quanto da produção crítica produzida no Brasil e no exterior.

Durante a década de 50 seus textos começaram a ser traduzidos para outras línguas. Mas ao longo das décadas seguintes houve um aumento considerável de traduções. Basta examinar a lista dessas traduções para se constatar que são poucos os países que nela ainda não figuram. Curiosamente, há duas publicações de textos seus em russo. Mas nenhuma ainda em ucraniano. E Clarice nasceu na Ucrânia...

No que diz respeito à crítica, o aumento também foi considerável. Se até a década de 1980 era possível acompanhar de perto o que se escrevia sobre sua obra, depois foi se tornando impossível, tendo em vista a quantidade de textos críticos publicados.

Perdemos, é verdade, a visão do conjunto de sua fortuna crítica. Mas temos de ficar contentes ao constatar que o Brasil ganhou o reconhecimento internacional do valor desta sua escritora naturalizada brasileira e que escrevia em português.

**2. O primeiro livro de Clarice, *Perto do Coração Selvagem*, foi publicado 62 anos atrás. Os primeiros críticos – Álvaro Lins, Lúcio Cardoso, Antonio Cândido –, já vislumbraram ali a grande escritora. Como você avalia o percurso literário da autora do primeiro ao último romance?**

O primeiro romance já anuncia a grande ficcionista que era Clarice, que aí instaura modos de contar inovadores, calcados numa certa ‘incompletude’ no plano sintático e no plano mais amplo da própria construção narrativa, que alguns críticos interpretaram como sendo um defeito, uma ‘falta’ de unidade e de conjunto... Não creio que assim seja.

Clarice traduzia, em termos de construção romanesca, uma personagem fragmentada, conturbada, imersa num sentido de busca e reconhecendo, ao seu redor, com sutileza, traços de uma condição humana ambígua e problemática.

Essa viagem pela intimidade das personagens há de ter vida longa. Praticamente toda a vida literária de Clarice, até seus últimos textos, escritos pouco antes de sua morte. Talvez seja essa uma das marcas de sua obra: acompanhar, no de-dentro das personagens, uma complexa condição humana, e, num ato humanístico de compreensão, auscultar a profundidade de tais experiências, sem autoritariamente exigir soluções.

**3. Qual foi seu primeiro contato com Lispector?**

Foi durante meu curso de Graduação na Universidade de Brasília. Em 1965, ganhei um livro de presente de um professor. O livro era *Laços de família*, numa então recém-lançada terceira edição. Fiquei muito intrigada com aquele jeito de contar, que, a certa altura, já não entendia bem. Acho que o que mais me seduziu na literatura de Clarice foi esse ‘não entender bem’, que me levava a querer saber o que ela estava querendo dizer. Muitos anos depois descobri que era também essa a sensação que a própria Clarice tinha quando escrevia. Ela afirmava que escrevia para tentar entender o que estava querendo dizer...

**4. Clarice – uma vida que se conta tornou-se uma referência para os estudos clariceanos. Como surgiu a idéia de estabelecer relações entre a vida e a obra da autora?**

Não foi para estabelecer, ingenuamente, relações mecânicas entre vida e obra, do tipo: ela viveu em Alagoas (quando a família judia chegou ao Brasil viajando da Ucrânia, antes, portanto, de a família se mudar para o Rio de Janeiro), então criou Macabéa, que tem nome judeu e é uma alagoana pobre que mora no Rio de Janeiro.

Mas como ignorar essa relação na nossa leitura? E mais: será que tais associações (extra-textuais) não colaboram para melhor perceber certos detalhes de construção narrativa criados pela escritora nesse seu breve romance?

Parti, então, do princípio de que tal relação poderia ser útil para uma melhor compreensão do ‘fenômeno Clarice’, embora não pudesse ser nunca fundamental para, a partir desse dado, construir uma leitura do romance.

Uma outra razão era minha própria curiosidade, já que havia muitas lacunas de informações referentes a sua vida. Nem se podia montar uma cronologia tendo em vista os dados que a própria Clarice nos fornecia (declarava, por exemplo, diferentes datas de seu nascimento).

Contava, é bem verdade, com textos importantes referentes à vida de Clarice. É o caso do livro de Olga Borelli, pioneiro, que em 1981 nos introduziu no mundo privado de Clarice, com seus hábitos, gostos, preferências.

Mas o que eu pretendia era desenvolver uma pesquisa histórica com fundamentação documental de modo a poder responder algumas questões. Onde estudou? Quem conheceu? Onde publicou seus primeiros textos? Quais os amigos que teve? Com quais parentes conviveu? De onde veio a família? Em quais cidades a família morou? Quais as marcas culturais dessa célula familiar? Em quais cidades Clarice morou? Quando? Como? O que escreveu, em cada uma dessas cidades?

No que se refere à montagem de tal matéria, optei por duas linhas narrativas paralelas: uma, referente a dados biográficos, mas sempre procurando ‘ler’ textos orais (depoimentos) ou escritos (autobiográficos ou não), referentes à Clarice; outra, de leitura de sua obra, detendo-me na sua produção literária e jornalística e na respectiva fortuna crítica.

Deixei as possíveis relações entre essas linhas paralelas por conta de cada leitor, sem, contudo, deixar de fazer minhas sugestões, ainda que de leve...

### **5. Quais foram as dificuldades para realizar sua pesquisa?**

Num primeiro momento, o acesso aos dados. Iniciei a pesquisa logo após a morte de Clarice e o espólio demorou a ser encaminhado à Fundação Casa de Rui Barbosa. Esperei muitos anos até que se o acervo se tornasse acessível ao pesquisador.

Depois, a quantidade de dados disponíveis. Só na Fundação Casa de Rui Barbosa há mais de 2 mil documentos.

Também não é nada cômodo ter de viajar várias vezes para outras cidades para entrevistar pessoas e pesquisar documentos de arquivos institucionais e particulares. Fui algumas vezes a Recife e inúmeras ao Rio de Janeiro. Numa última fase, fui a várias cidades do exterior onde morou Clarice: Nápoles, Berna, Torquay, Chevy Chase (perto de Washington). E mais recentemente, para finalizar a *Fotobiografia*, fui a Tchechelnik e a algumas outras aldeias da região da Ucrânia onde morava a família Lispector antes de emigrar para o Brasil.

**6. As dificuldades aumentaram para publicar uma fotobiografia de Clarice Lispector?**

Houve uma mudança do tipo de dificuldade. Passei a lidar com outro objeto – a imagem visual (fotos e documentos) –, que tem suas exigências próprias. Se por um lado me servi das informações que havia reunido até então, por outro lado tive de respeitar uma certa lógica interna dessa matéria visual, no sentido de construir uma montagem adequada, tendo a matéria visual como protagonista e o texto (legenda e comentários finais), como suportes paralelos que viabilizassem uma compreensão da contextualização desse repertório visual.

**7. Uma das características da obra clariceana é seu forte teor imagético. Você percebeu relações entre as fotos biográficas e imagens construídas em seus textos? Isto é, as fotos também contam sua obra?**

Em alguns momentos, sim. Confesso que depois de percorrer a rua do centro histórico medieval de Berna, onde Clarice morou, rua estreita, com arcadas de cada lado no andar térreo de edifícios de três andares, é impossível não se lembrar das crônicas que escreveu sobre essa mesma rua, onde morou bem em frente à estátua e fonte da Justiça.

O mesmo acontece quando leio essas crônicas: vem à minha memória a imagem dessa rua, mas há na crônica detalhes bem descritos que compõem a construção de um ‘clima’ especial, produto justamente dessa conexão íntima entre a escritora Clarice e esse espaço da rua da cidade de Berna onde morou.

Surge então, para o leitor, um novo texto, no sentido mais amplo, produto da conjunção desses dois registros: o da letra, nas crônicas; o visual, pela lembrança da imagem da rua vista ou pessoalmente ou nas fotos. Seria essa uma nova maneira de ver/ler Clarice, simultaneamente, a partir dos dois registros.

**8. Apesar de uma fortuna crítica considerável, dissertações, teses e livros são publicados sobre a obra de Clarice. A obra clariceana é uma fonte inesgotável de análises/leituras?**

Sim. Até hoje não li as quase 500 páginas e colunas femininas que Clarice escreveu em periódicos. Conheço dezenas, mas não as quase cinco centenas, que foram cuidadosamente reunidas, parcialmente publicadas, mas não ainda publicadas na íntegra, por Aparecida Maria Nunes. E da obra publicada posso afirmar que ainda há aspectos a serem devidamente explorados e divulgados. Mesmo os textos exaustivamente analisados, criticados, interpretados, mesmo estes estão sempre disponíveis para novas leituras. Essa inesgotabilidade é um dos fatores que comprovam sua eficácia enquanto produto artístico.